

GREGÓRIO DE MATOS: BOCA DO INFERNO OU DO CÉU?

Maria Deusivânia dos Santos Sousa¹
Hiran de Moura Possas²

RESUMO: O artigo tem como objetivo a busca pela compreensão da problemática que envolve a tensão paradoxal existente entre as “línguas santas e satânicas” de Gregório de Matos, presentes respectivamente em suas líricas e sátiras, enfatizando, com relação às líricas, as obras de cunho religioso, a fim de estabelecer melhor a diferença do “dualismo linguístico” sacro e profano de sua criação poética. Paralelo a isso, pretende-se também, compreender de que modo e até que ponto a vida social e política no Recôncavo baiano, bem como o caráter nato e único do Boca do Inferno influenciaram a criação de suas obras. Para tanto, a pesquisa foi desenvolvida com base em estudos bibliográficos e apoiando-se em teóricos da literatura brasileira como Afrânio Coutinho, Massaud Moisés, Haroldo de Campos, Antonio Candido e José Aderaldo Castello. Por fim, Falar de Gregório é entrar, inconscientemente, no significado mais lógico e fiel do que é ser barroco. Seria Gregório de Matos o Boca do céu ou do inferno? Partindo dessa indagação e da ânsia de conhecê-lo sob os dois aspectos, o tema e a criação do trabalho foram motivados pelo entusiasmo da tentativa de entender a figura barroca e contraditória de Gregório.

Palavras-chave: Gregório de Matos. Tensão paradoxal. Dualismo linguístico.

**De que pode servir calar quem cala?
Nunca se há de falar o que se sente?!
Sempre se há de sentir o que se fala.**

Gregório de Matos

UMA VIAGEM NO TEMPO: GREGÓRIO HISTÓRICO

Para estabelecer uma compreensão acerca da dualidade conflitante do sagrado e do profano nos poemas de Gregório, a qual será tratada adiante, nas próximas sessões, faz-se necessário uma descrição de aspectos relevantes de sua formação religiosa e da sociedade da qual fazia parte, bem como do contexto histórico em que escreveu, pois, para entender sua criação, é necessário situá-lo como figura histórica, em vista de seus valores e crenças, que também são frutos da época de sua existência.

Gregório de Matos Guerra nasceu em Salvador no ano de 1636. Frequentou o Colégio da Companhia de Jesus e anos depois se formou em leis, por Coimbra, em 1661, mesmo ano de seu casamento. Passou a viver de sua magistratura e em 1672 assumiu o importante cargo

¹Discente UNIFESSPA.

²Docente UNIFESSPA – FECAMPO.

de Procurador de Salvador, no entanto, após dois anos foi destituído. Ficou viúvo e retornou ao Brasil onde se casou pela segunda vez e tornou-se irmão da Santa Casa, todavia, seu viver desregrado e boêmio, desde os tempos de Coimbra, o impediram de cumprir seu papel de homem comprometido. Aos poucos, suas sátiras sujeitaram-no a perder a proteção das autoridades (MOISÉS, 1990).

É certo que a maior parte da história da vida de Gregório nos leva a conhecer um homem destemido, de vida conturbada e a cogitar a ideia de que tais características pessoais possam ter contribuído para a elaboração de suas sátiras. Mas também nos revela suas origens enquanto homem cristão (na escola dos jesuítas). O Boca do Inferno também era religioso ativo numa determinada fase de sua vida, e, nesse sentido, de acordo com seus poemas, podemos compreender uma possível influência da catequese, presente no teocentrismo medieval.

Além disso, a fim de complementar a compreensão dos poemas gregorianos é importante observar o contexto histórico no qual o autor estava inserido, como segue:

a História calcada nos papéis oficiais focalizou a Bahia do século XVII, numa preeminência hierárquica de capital, sede do Governo-Geral, da Diocese, da Relação, do principal presidio de tropas, situação privilegiada na constelação das capitanias e em face dos poderes da Metrópole. Certo, estas funções político-administrativas, atraindo uma elite de servidores da Coroa, marcava uma projeção no complexo nacional. Todavia a impulsão de sua vitalidade provinha da trepidação de seus engenhos, da movimentação de seu porto, da densidade dos negócios de sua praça. Enfim, de sua articulação com o Atlântico, com a Europa, com a África e com o Prata. (MOISÉS, 1990, p. 73).

Partindo dessa premissa, Gregório julgou negativamente a sociedade baiana da época e criticou aspectos da vida social do Brasil-Colônia. Suas críticas eram direcionadas tanto para o reino quanto para o cidadão brasileiro e visavam principalmente ao clero e ao elemento português, por serem estes os dois elementos mais culpados pela situação vivida no Brasil-Colônia. Portanto, considera-se Gregório como um sujeito de importância histórica e social, por ter sido o primeiro poeta a conviver diretamente com o povo nas ruas de Salvador, retratando ou fazendo a caricatura, repleta de peculiaridades, de indivíduos e figurões de sua época. (CASTELLO, 1975). Neste contexto, e considerando uma sociedade formada por negros e mulatos escravos e libertos, as mazelas da sociedade baiana, componentes do cenário colonial brasileiro podem ter inspirado a produção satírica gregoriana (inclusive erótico-obscena).

Obviamente sua facilidade de improvisar versos, de cantar à viola e seu convívio direto com a massa popular também contribuíram para a sua criação poética. Sobre o perfil dessamassa e sua influência no que se refere à sensualidade “indisciplinada” de Gregório, Afrânio Coutinho descreve com maestria a sensibilidade existente no íntimo do poeta:

recesso paradisíaco do Recôncavo, onde aos ruídos dos engenhos se misturavam as vozes do caldeamento de raças sensuais e fortes, deveria madruguar na alma do poeta algumas notas de lirismo ardente, boêmio e original. [...]As tintas carregadas, que às vezes repontam no decorrer de sua poesia, são a expressão sincera de uma sensualidade indisciplinada, de um erotismo meio abrutalhado a que se entregou a sensibilidade do poeta na estância do Recôncavo (COUTINHO, 1968, p. 244).

Como bem lembra Massaud Moisés, em seu livro “História da literatura brasileira”, a poesia de Gregório figura verdadeira autobiografia. Toda sua obra literária é, de certo modo, o retrato vital do autor, mas da vida por dentro, não por fora. Faz sentido essa afirmação, considerando que a vida interna de Gregório não se desvincula da externa, sendo esta, reflexo direto dos conflitos existenciais da “vida por dentro” do autor. Moisés (1990) discorre ainda sobre o poetar a experiência cotidiana por meio de acontecimentos do dia a dia e explica que os poemas gregorianos assemelham-se a anotações íntimas de um diário só que expostas abertamente, levando em consideração a vida libertina e o teor histórico e social das confidências.

QUERENDO COMPREENDER O PARADOXO GREGORIANO...

A sátira “satânica” de Gregório

Sabe-se que embora Gregório de Matos seja mais reconhecido como poeta satírico, também possui poemas sacros e não menos importantes. O fato é que, segundo Castello (1975), sua forma poética satírica se exprime mais espontaneamente, tanto na sua expressão individual quanto social, atingindo, por vezes, um plano moralizador elevado e por isso, se comunica mais facilmente com o leitor. Além disso, como afirma Haroldo de Campos (1989), Gregório é considerado um dos precursores da comicidade “malandra” em nossa literatura, valorizado não apenas pela estética tradicional da poesia lírica, amorosa e religiosa, mas também e principalmente por sua sátira desabusada.

E não é por acaso que Gregório de Matos Guerra ficou conhecido como o Boca do Inferno. Usou com frequência uma linguagem livre, agressiva, com vocábulos às vezes de baixo calão em suas sátiras, sem se importar com quem as ouvia. O alvo principal de suas ofensas ou chacotas era a igreja, o rei, os poderosos e até mesmo o povo baiano de sua época. “Agredia” a tudo e a todos com palavras. Assim, com suas críticas, satirizava alegoricamente os vários “ladrões da República”, com um senso de observação atemporal, tornando suas retratadas figuras sociais, as mesmas de hoje. Veja-se a linguagem do poeta nos trechos seguintes do poema “Define a sua cidade”:

De dois ff se compõe
esta cidade a meu ver:
um furta, outro foder.
[...]
Provo a conjetura já,
prontamente como um brinco:
Bahia tem letras cinco
que são B-A-H-I-A:
logo ninguém me dirá
quedous ff chega a ter,
pois nenhum contém sequer,
salvo se em boa verdade
são os ff da cidade
um furta, outro foder.

Considerando o contexto social da época, século XVII, onde a censura aos palavrões deveria ser nitidamente notável, Gregório descreve a Bahia de uma forma um tanto quanto corajosa ao estabelecer o significado dos dois “ff”. Pelo ritmo, percebe-se um escritor descontente e eufórico, como se tivesse que “extrair” para o meio externo sua indignação com a situação política da Bahia. A qual faz questão em mostrar a inexistência dos dois “ff” em sua grafia, separando as letras “B-A-H-I-A”. Nesse sentido, Castello (1975) afirma que em suas criações satíricas, o Boca do Inferno, na maioria das vezes, era envolvido pelas circunstâncias, dominado pelos desafetos e sufocado pelo desabafo.

Cabe ressaltar, ainda, que embora este poema não siga as formas poéticas da época, por ser irregular em sua forma e escrita, Gregório fazia uso da métrica em suas obras, como se pode comprovar pela existência de seus inúmeros sonetos e como explica José Aderaldo Castello (1975) quando escreve que como figura barroca que era Gregório, também estava impregnado dos recursos expressivos da técnica de composição vigente na época. No entanto, como essa obra não era tratada como “genuína poesia”, provavelmente e talvez propositalmente o poeta não tenha se importado em deixá-la nesses moldes.

Nota-se aqui, uma linguagem considerada “feísta”, como descreve Haroldo de Campos (1989): “Poeta de admiráveis recursos técnicos e um barroco típico: assimilador e continuador da experiência neoclássica da Renascença, sensualista visual, “feísta” utilizando temas convencionalmente feios”.

Outro exemplo claro dessa linguagem dita “feísta” pode ser encontrado na poesia “Epílogos”, da qual bastam alguns versos para identificar suas críticas políticas e sociais e reconhecer o uso de sua língua “ferina”:

Que falta nesta cidade?... Verdade.
Que mais por sua desonra?... Honra.
Faltamais que se lhe ponha?... Vergonha.
[...]
Quem faz os círios mesquinhos?... Meirinhos.
Quem faz as farinhas tardas?... Guardas.
Quem as tem nos aposentos?... Sargentos.
[...]
E nos frades há manqueiras?... Freiras.
Em que ocupam os serões?... Sermões
Não se ocupam em disputas?... Putas.
[...]
A Câmara não acode?... Não pode.
Pois não tem todo o poder?... Não quer.
É que o governo a convence?... Não vence.

O poeta critica as autoridades corruptas, as quais eram beneficiadas com os favores da nobreza; os representantes religiosos que pregavam a santidade, mas andavam com “putas”; às crises econômicas responsáveis pela miséria do povo e à ineficiência do poder político que nada fazia a respeito. Esses indivíduos, dentre outros, faziam parte da Bahia do século XVII e tornam-se alvo das insatisfações do Boca do Inferno. Este, maldizia a nação brasileira e, como afirma Massaud (1990), o Gregório revelou-se, um antilusitano, denunciador das injustiças sociais, como segue:

[...] Que os Brasileiros são bestas,
e estarão a trabalhar
toda a vida por manter
maganos de Portugal
[...] Cidade tão suja, e tal,
avesso de todo o mundo,
só direita em se entortar.
Terra, que não parece
neste mapa universal
com outra, ou são ruins todas,
ou ela somente é má.

Da sátira maldizente e “feísta” ao lirismo religioso refinado

Destacam-se na obra lírica do Boca do inferno o idealismo da poesia renascentista e as tensões do espírito barroco, e, a essas características, junta-se o senso vivo do pecado e uma respectiva ânsia comovedora de pureza, atribuindo em consequência, um vigoroso refinamento à sua obra lírica, sobretudo à sua poesia de inspiração religiosa. Por tudo isso, seria então, talvez, considerada superior.

Mas, sabendo desse vigoroso refinamento de suas obras sacras, como se explicaria o paradoxo conflitante entre a obra religiosa de Gregório e a “satânica” “feísta” do mesmo Gregório Boca do Inferno? O que levaria um homem considerado tão “mundano” e “libertino” a escrever tão sensivelmente ou divulgar-se nas entrelinhas de versos sacros? E voltando ao título deste trabalho, tem-se a mesma tensão característica do barroco: “boca do inferno ou do céu?”. Tal contradição aponta a figura exagerada e “incoerente” de Gregório como uma representação viva do lirismo barroco. De acordo com Massaud Moisés (1990), por exemplo, o Boca do Inferno era intrinsecamente religioso como extrinsecamente libertino, ou seja, religioso por dentro e depravado por fora e ambas as situações com a mesma sinceridade. “Contraditório? Paradoxal? Tão-somente barroco”.

Sobre esse paradoxo, e apoiando-se nas ideias de Antonio Candido, se por um lado, o sentimento (típico do homem barroco) de brevidade temporal e enganosa da vida terrena, da natureza humana e da fugacidade das coisas leva o homem a viver sem limites e a aproveitar a vida no presente em vista da transitoriedade de seus predicados físicos, por outro, toda essa “vivência mundana” acaba por desencadear uma aflição causada pela passagem do tempo e pela certeza da morte:

A poesia sacra e a poesia licenciosa morariam em polos diametralmente opostos: a sacra constitui a esfera transcendental e mais profunda do “eu” para fora de suas balizas, a ponto de se identificar com o “outro” enquanto entidade do mundo concreto e exterior. [...] Por trás da capa de estróina e vadio impenitente morava, como sempre, um hipersensível que tinha instantes de “queda” e recolhimento, de meditação e arrependimento (MOISÉS, 1990, p. 108).

Nessa perspectiva, é como se o homem fosse conduzido à esperança da salvação divina e ao remorso dos seus pecados, reconhecendo a bondade inesgotável e suprema de Deus, o Deus de infinitas bondades e piedoso em relação às fraquezas humanas,

estabelecendo-se, assim, inevitavelmente, os limites terrenos entre o céu e o inferno. Não se pode negar, porém, a influência da igreja no estabelecimento de tais limites. Portanto, o homem “mundano” e ao mesmo tempo cristão recorre ao compadecimento e ao conhecimento do certo e errado, do bem e do mal.(CANDIDO, 1997). Pode-se depreender então, a existência desse conflito contínuo da culpa e do arrependimento nos poemas religiosos de Gregório. Eis a seguir, um excelente exemplo:

A Jesus Cristo Nosso Senhor

Pequei, Senhor; mas não porque hei pecado,
Da vossa alta clemência me despido;
Porque quanto mais tenho delinquido,
Vos tenho a perdoar mais empenhado.

Sebasta a vos irar tanto pecado,
A abrandar-vos sobeja um só gemido:
Que a mesma culpa, que vos há ofendido,
Vos tem para o perdão lisonjeado.

Se uma ovelha perdida e já cobrada
Glória tal e prazer tão repentino
Vos deu, como afirmais na Sacra História,

Eu sou, Senhor, a ovelha desgarrada,
Cobrai-me; e não queirais, Pastor Divino,
Perder na vossa ovelha a vossa glória.

Seguindo o raciocínio de Castello (1975), pode-se notar no soneto acima a intensificação da certeza da morte e o conseqüente reconhecimento do pecado, seguido pela esperança da salvação extraterrena.

No poema, como bem nos ajuda a observar, Castello (1975) enxerga Gregório como uma espécie de “supremacia dos sentidos”, sendo estes sentidos, confundidos com a natureza instintiva, tendo em vista a certeza da existência do pecado como uma condição humana inevitável, colocando-se o homem à sombra paciente e inesgotável da tolerância de Deus, como ocorre nos versos: “Porque quanto mais tenho delinquido,/ Vos tenho a perdoar mais empenhado”. Seria, portanto, um apelo oportunista à manifestação da infinita bondade divina. Em outras palavras, é como se fosse gerado inconscientemente uma certeza do perdão, favorecendo um ciclo infinito onde o homem peca, sabe de certeza que terá seu perdão e sente-se “puro” ao recebê-lo, mas quando o “inconsciente” e até inevitável ato do pecado ressurgir, o mesmo homem “puro” volta a deleitar-se em seus “doces erros”.

Em suma, Gregório possuía um caráter religioso, que poderia levá-lo a uma vida de santidade. No entanto, deixou-se fascinar pelos erros pecaminosos da vida e, sem se dar conta, preconizava um mundo diverso daquele em que vivia. Acabou repetindo os erros que ele próprio combatia. Com isso, o conflito permanecia vivo e a conciliação entre divino e terreno ia sendo adiada como um ideal utópico (MOISÉS, 1990).

Dessa forma, Gregório assume uma posição individualista, buscando em sua condição de homem barroco, uma justificativa e uma esperança consoladora que o ajude a entender e a justificar o conflito inevitável que há nele próprio, enquanto o leitor reconhece que a supremacia dos sentidos provém do próprio temperamento do poeta. (CASTELLO, 1975).

CONCLUINDO...

Em vista do confronto de ideias estabelecido até aqui, entender a arte da escrita e da linguagem gregoriana não é uma tarefa muito fácil, tendo em vista sua dualidade linguística e seu próprio estado de homem barroco, no sentido mais fiel da palavra. Nesse sentido, nota-se que não dá para entender separadamente o Gregório “terreno” que vive um contexto histórico favorável à elaboração de sua arte satírica, do Gregório religioso, que sofre o compadecimento de sua culpa, pois, não se trata de personagens que mudam conforme um roteiro estabelecido, mas de um único indivíduo. Dessa forma, é incoerente falar de Gregório sacro sem lembrarmos do “satânico” tão pouco referir-se ao sacro desvinculando-o do profano, pois seus versos refletem a sua própria existência. Assim, não seria um ato de insanidade afirmar que paradoxal é tentar entendê-lo, o Boca do Inferno, em toda a sua complexidade.

REFERÊNCIAS

CAMPOS, Haroldo de. **O sequestro do barroco na formação da literatura brasileira: o caso Gregório de Mattos**. Salvador, Poja, 1989.

CANDIDO, Antonio; CASTELLO, José Aderaldo. **Presença da literatura brasileira: história e antologia**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

CASTELLO, José Aderaldo. **Manifestações literárias do período colonial**. São Paulo: Cutrix, 1975.

COUTINHO, Afrânio. **A Literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Editorial Sul Americana S. A., 1968.

MOISÉS, Massaud. **História da literatura brasileira**: São Paulo: Cutrix, 1990.

Gregório de Matos: Poemas. Disponível em:
<http://www.poesiaspoemaseversos.com.br/gregorio-de-matos-poemas/#.VWy8PY7RWII>.
Acesso em 02 de abril de 2015.

Gregório: Poemas Disponível em: <http://www.memoriaviva.com.br/gregorio/poema094.htm>.
Acesso em 02 de abril de 2015.

Gregório: Disponível em: <http://poesiabrasileira.tumblr.com/post/10015545240/que-falta-nesta-cidade-verdade-que-mais-por-sua>. Acesso em 02 de abril de 2015.